

EDITORIAL

uma edição em tempos de pandemia

S. César **Otero-Garcia**

Editor-chefe

Línlya **Sachs**

Miriam Cardoso **Utsumi**

Coeditoras

O ano de 2020 certamente ficará marcado na história como o ano da pandemia da Covid-19. Essa marca, no caso particular do Brasil, é especialmente triste. Se, por um lado, sempre fomos o povo que acreditou que o Brasil seria o país do futuro, o país que estaria entre as grandes potências do mundo, entre os ditos países mais ricos, invariavelmente próximos dos Estados Unidos; por outro, não poderíamos esperar que isso fosse alcançando com uma marca tão ruim, afinal, não são os EUA o modelo de sucesso global? Pois bem, até 31 de dezembro os EUA já tinham passado da marca de 340mil mortes, na segunda posição temos o Brasil com seus mais de 190 mil mortos.

Ao longo de 2020, o Brasil não se aproximou dos EUA, no que se refere à pandemia, apenas no número de mortes. O negacionismo de seus presidentes foi bastante semelhante. Se, por um lado, a não comprovação científica da eficácia da cloroquina não foi motivo suficiente para desacreditar o medicamento aos olhos de Bolsonaro, por outro, as pesquisas promissoras com relação às vacinas, sim. Então, ficamos assim, tomamos cloroquina, mas nos negamos a tomar a vacina. Milhares de brasileiros morrem, sobretudo os pobres, e o presidente tira o feriado do fim de ano para nadar na praia e, mais uma vez, provocar aglomerações.

A vida tem valor inestimável, porém parece que para os presidentes dos EUA e do Brasil, a vida do cidadão comum não tem grande valor quando o que está em risco é a economia ou a imagem política deles perante parte da população que o apoia. A vida tem valor, mas a dos infectados pelo vírus, não. Seguindo essa montanha russa de contradições, quando a Argentina legalizou o aborto, Bolsonaro tratou logo de se pronunciar em sua “rede oficial” lamentando a decisão. Será que o que vale mesmo é a vida ou são nossos preceitos?

Seja como for, Hipátia, a matemática, foi uma cientista. Hipátia, a revista, um periódico científico. Falávamos do negacionismo da ciência, sobreviveremos a um Brasil assim? Antes fosse

algum tipo proselitismo apenas, mas não é, mais uma vez temos anúncio de cortes de verbas nas universidades e institutos federais. E os investimentos na Capes e CNPq? Minguam mais e mais pelo menos desde 2017. O ataque à ciência não é só discurso ou tentativa de criar uma legião de seguidores. Se o nado de Bolsonaro ante a seus seguidores nos faz lembrar semelhante atitude de Mussolini, o ataque à ciência nos remete à Idade Média. Mas, dizem, o fascismo e o nazismo foram ideologias comunistas, mesmo que a União Soviética tenha sido uma das adversárias do Eixo na segunda guerra mundial. O que importa é que o partido de Hitler tinha “socialista” no nome, ainda que o partido pelo qual Bolsonaro se elegeu também seja “social” e até mesmo “liberal”. Citamos antes o caso da cloroquina e da vacina; o negacionismo brasileiro é democrático e não atinge apenas as ciências exatas ou biológicas: tudo faz sentido quando nada parece fazer.

O psicanalista hindu-inglês Wilfred R. Bion nos ensinou que quando grupos não conseguem cooperar plenamente, eles podem se organizar em torno de supostos básicos como o messianismo (o grupo elege um líder carismático) e o ataque-fuga (o grupo elege um inimigo externo ou supostamente externo). Bolsonaro tem Messias no nome, mas não faz milagre, ele mesmo disse isso ao debochar das vítimas da Covid, ao mesmo tempo, muitos votaram nele para livrar o país do comunismo, o mesmo que os militares já tinham varrido do país na época da ditadura brasileira que, por pouco, não se alinhou ao Eixo na segunda guerra não fosse pela intervenção (de novo) dos EUA na América Latina. Podemos ver de novo mais algumas contradições e outras situações que não são mera coincidência?

A ciência brasileira sofre. Nas universidades e institutos federais não nos dedicamos apenas ao ensino. Quando dizemos “apenas” não é porque o ensino seja uma atividade menor, mas sim porque se faz várias outras além das vinculadas a esse eixo (minúsculo, por favor). Fazemos pesquisa, fazemos extensão. As universidades e institutos, mesmo quando da paralisação das aulas, não pararam. No primeiro semestre de 2020 publicamos o primeiro número do ano da Hipátia e, agora, publicamos o segundo. Como nós, outros institutos e universidades seguiram publicando seus periódicos, suas pesquisas, promovendo ações de extensão, aproximando (não fisicamente no momento) a comunidade do meio dito “acadêmico”.

Devemos seguir, em 2021 talvez o vírus dê uma trégua, mas certamente o ataque à ciência não dará, pois, por mais mortal que esteja sendo a Covid, não há doença pior na história da humanidade que a ignorância, a ignorância que hoje não permite que se salve mais vidas vítimas da Covid, a ignorância que matou tantas pessoas em guerras, a ignorância que permite que milhares de vidas morram todos os anos por falta de alimento, por falta de acesso a recursos básicos, a tratamento de saúde. Essa ignorância também foi a que matou, em um ato de intolerância religiosa, a mulher que dá nome a esta revista.

Fechamos mais um ano, e como ele, como é tradicional para quem nos acompanha, publicamos mais uma edição da Hipátia que, apesar da Covid, do cenário político brasileiro, do negacionismo científico, não será a última; ao menos essa é a esperança, mesmo que tenha sido ela justamente a última a restar na caixa que Pandora abriu quando liberou todos os males à humanidade. Abrimos este número 2 do volume 5 com o ensaio de Plínio Cavalcanti Moreira, *Formação Matemática na Licenciatura e Prática Docente na Escola: o caso da unicidade da decomposição em primos*. Na sequência, temos cinco artigos e quatro trabalhos de iniciação científica. Desejamos a todos os interessados uma boa leitura e um científico 2021.

São Paulo, dezembro de 2020.